

BIOGRAFIA E MEMÓRIA

Déa Ribeiro Fenelon*

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Mário Lago. Boemia e política*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997.

Para aqueles que já conhecem a obra de Mônica Velloso sobre a história social da cultura do Rio de Janeiro é uma grande satisfação anunciar mais um livro seu. Desta vez, enveredando pelo campo dos trabalhos da memória, Mônica nos oferece uma biografia permeada pelos meandros da boemia e da política, desta figura tão forte e tão simpática que é Mario Lago.

Familiarizada com as *Tradições populares na Belle Epoque carioca* e cortando fundo em suas pesquisas e análises sobre o *Modernismo no Rio de Janeiro*, sobretudo no viés das referências do humor e da caricatura, para falar apenas de algumas de suas obras mais conhecidas entre nós, este novo livro vem confirmar uma vocação já reconhecida de figura de ponta entre os pesquisadores da história cultural carioca e brasileira.

A novidade do viés biográfico de uma figura que ainda está presente no cenário cultural brasileiro traz o ingrediente de permitir, de uma certa forma, a concretização do experimento da entrevista participante, ou seja, da discussão constante entre o autor e a personagem a cada passo, a cada capítulo, a cada interpretação. A julgar pelas falas e entrevistas de Mário Lago, em momentos posteriores ao lançamento do livro, essa parece haver sido uma situação muito prazerosa para ele. Ouvi referências gentis e afetuosas ao trabalho da historiadora Mônica em várias ocasiões, lançamentos, mesas redondas, entrevistas, etc.

Importante destacar, como o faz a autora em sua Introdução, a ajuda preciosa da família de Mário, dos amigos e também de algumas instituições que colaboraram

* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

abrindo seus arquivos, fornecendo materiais, dando dicas e auxiliando na concretização do projeto agora transformado em obra, que só enriquece nossa bibliografia. Além disso, abre caminho para outros projetos sérios, com pesquisas detalhadas da vida cultural e política e suas implicações sociais, ampliando perspectivas de compreensão da realidade brasileira desses últimos anos, alegres e sombrios, mas de intenso significado em nossa história recente. É, sem dúvida, uma obra exemplar no campo da história social da cultura lidando com a biografia e a memória.

Com certeza, e a própria autora reconhece e explicita, foram muitos os desafios apresentados à historiadora, consciente e zelosa de seu ofício. Como garantir, de um lado a sensibilidade para, sem perder o profissionalismo da pesquisa e da análise, apresentar toda a imensa riqueza da existência de quem, como Mário Lago experimentou, brilhou, sofreu e vivenciou tantas emoções e tantos momentos cruciais da história brasileira? São tantos aspectos, tantas nuances, são tantas memórias e tantas histórias para contar... , como fazê-lo sem se emaranhar nos detalhes e nos fatos de que ele se lembra e insiste em narrar nas entrevistas? Como distinguir, no volume das recordações, o essencial para cada interpretação dada, alimentar a reflexão sobre momentos de combate e de luta em uma vida tão múltipla e tão engajada? Como interpretar os silêncios e as recusas em discutir tópicos lançados?

Daí que optar por apenas um ângulo de abordagem na vida desse personagem não lhe faria justiça. Como pensar sua carreira de autor e ator de teatro, por exemplo, sem imediatamente transbordar para o romancista, o tradutor de romances mexicanos para a Rádio Nacional, ou reconhecê-lo em trabalhos mais recentes na rádio e na televisão? Falar do sambista, do boêmio de suas parcerias tão famosas, de *Amélia*, de tantas outras músicas, falar de sua militância política e sua dedicação ao PCB, qual seria o melhor caminho? Estes os desafios de que nos dá notícia a autora.

Para quem, como Mônica, sempre trabalhou com a vida cultural do Rio de Janeiro, todas essas opções só devem ter lhe dificultado as escolhas. Vontade de falar tudo, desejo de nada deixar escapar, vício das visões totalizantes e inclusivas advindas de nossa formação de historiador, ao mesmo tempo risco de gostar demais dos detalhes e das minúcias. Quantas armadilhas! Felizmente Mônica as enfrentou com sucesso, driblando os perigos de uma narrativa linear e detalhista, usando recursos modernos e interessantes para apresentar os resultados de sua investigação, de forma a garantir leitura de públicos mais amplos, para além dos interesses exclusivos da academia. E aí está o resultado: uma obra que, sem perder o cuidado e o rigor da pesquisa de análise, nos traz a figura de Mário em uma narrativa viva, multifacetada, contraditória quase

sempre e por que não dizê-lo comovente, como nos acostumamos a pensar em Mário Lago.

Sobre os impasses de como organizar a narrativa assim nos fala a autora:

resolvi contar a história de Mário a partir de *flashes* que iam iluminando ora o homem, ora o compositor, o homem de tevê, etc..., por isso construí uma narrativa temática, nessa tentativa de entrecruzar sua história com a história da cidade, da nacionalidade..., cada capítulo tem começo, meio e fim. Eles têm uma estrutura independente e por isso podem ser lidos de acordo com a preferência de cada um. (p.10)

Por essa proposta bem realizada e esse arranjo, o livro se torna tão agradável, de leitura corrente, e incita muitas reflexões sobre como trabalhos com a memória podem enriquecer o conhecimento das várias temporalidades e de como lidar com o tema da biografia, pode nos ajudar a perceber o significado de ser sujeito da história, em toda a sua dimensão social e não apenas a exaltação vazia do indivíduo e do herói.

A figura de Mário Lago surge inteira em todos os momentos, seja quando fala da cidade, da vida política do País, dos problemas nacionais, sem se esquecer, nos “becos” de sua memória, de seus vários viveres, dos amigos, das dificuldades de todos, dos botecos da esquina, do teatro e do *dancing*, e sempre está disposta a uma tirada alegre, uma piada, uma ironia fina, uma anedota. E é nos depoimentos sobre suas parcerias musicais, por exemplo, que muito de suas imagens sobre a cidade e o viver da cultura urbana vão surgindo: eram parceiros que amavam a música, o teatro e as esticadas noturnas, eram companheiros de trabalho e de boemia, com tudo aquilo que isto implica. Sem dúvida um excelente trabalho de correlação entre aspectos de sua vida profissional, engajamento político e vivências na noite e na boemia da cidade.

Reconhecendo pois que contar a história de Mário Lago é contar a história da cidade do Rio de Janeiro, a autora compõe sua narrativa com falas de Mário, que aponta, a partir de suas experiências, locais, cafés, esquinas, casas, acontecimentos, ruas, figuras que tornam cada vez mais vivas as imagens e lembranças do Rio de outros tempos e de hoje. Chamando atenção para o fato de que Mário Lago, tendo nascido em 1911, escrever essa história, já no limite de um novo século, é de uma certa forma refletir sobre todo um século da vida cultural e política brasileira a autora nos diz da dimensão reflexiva possibilitada por essa pesquisa, para quem se dedica há tantos anos à investigação dessa temática ou para outros, que se interessam pelos estudos culturais na vida deste País. E fazer isto conduzida pelas experiências de tão ilustre figura só podia resultar nesta rica biografia *Mário Lago, boemia e política*.

Não seria demais salientar o trabalho minucioso, bem cuidado, que nada deixa escapar, na busca de vários tipos de materiais e de fontes relacionadas às escolhas temáticas realizadas, inclusive um forte material iconográfico, usado com propriedade e discrição, tudo sempre indicado e referenciado com segurança e detalhe.

Tematizar as entrevistas significou, para a autora, abordar em partes os vários aspectos da vida profissional e política do personagem, para então tornar possível a visão de Infância e Adolescência, o Dramaturgo e o Compositor, o Boêmio, o Radialista, o Militante, o Homem de Tevê.

No capítulo sobre Mário, o Boêmio, ficamos sabendo, por exemplo, como foi que, ainda estudante, fosse do Pedro II ou da Faculdade Nacional de Direito, Mário se tornou assíduo freqüentador dos cafés da Lapa, dos bares do Catete e de outros espaços boêmios, verdadeiros lugares da intelectualidade e dos artistas cariocas das décadas de 20, 30 e 40. Muito se tem escrito e salientado sobre o papel desses estabelecimentos, sobretudo os “Cafés” como os locais do acontecer, das noites de discussão profunda sobre política e dos destinos da revolução brasileira, locais onde política, boemia e letras se mesclavam.

Foi assim que Mário Lago ingressou no *metier*, publicou seus primeiros sonetos e versos, arrumou seu primeiro emprego e conheceu e conviveu com grandes homens e nomes das letras, da política e da música. Acompanhar na narrativa dos capítulos as lembranças dos lugares da memória é perceber a sensibilidade de autora e personagem para destacar e compor uma verdadeira cartografia das lembranças e das recordações, identificando ruas, nomes, becos, etc.

Ao final, na última parte “A cidade, o artista e o tempo”, com capítulos sobre “Mário hoje”, “Nos bastidores do texto” e “Mais sobre Mário”, se fala do homem hoje, das reflexões do presente do ir e vir constante entre passado e presente, do significado da obra. Por isso, além da intenção do balanço, há aí um manancial de materiais, informações, documentos, depoimentos de outros contemporâneos. Se existe a intenção de associar a trajetória do biografado à vida cultural da cidade é principalmente aqui, nesses capítulos finais, que, passeando pelos “becos da memória”, como se refere a autora, as lembranças de Mário sobre os lugares, as esquinas, as ruas, os botecos, os pedaços, tudo isso se torna mais presente e a narrativa ganha em nuances de uma verdadeira reconstrução e superposição de momentos históricos, situações experimentadas, suspiros lembrados... Tudo isto permeado de “causos”, observações perspicazes, reflexões engajadas e análises, mas sobretudo a grande paixão de autora e personagem por sua cidade, o Rio de Janeiro, que chega a dizer, em certo momento: “O Rio é vício realmente, você é dependente dele”.